

ENTREVISTA COM MÍLTON CUNHA: CARNAVAL E COVID-19

Rosângela Araújo Darwich [1]

Em seu segundo estágio pós-doutoral, realizado no Fórum de Ciência e Cultura do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Milton Cunha dá continuidade a seus estudos, realizados principalmente na UFRJ. O início da história, porém, se deu no curso de psicologia da Universidade Federal do Pará. Paraense que agora estuda o Boi de Parintins, Milton “foi embora pra Pasárgada” e fez festa, passou a criar e também a narrar o banquete que o povo brasileiro, aquele que bem conhece a fome, oferece ao mundo no carnaval carioca.

Os desfiles de escola de samba foram adiados em setembro e no final de outubro foi decidido que não haverá nem mesmo carnaval de rua no Rio de Janeiro, em fevereiro de 2021. Até onde se sabe, caso haja vacina contra o novo coronavírus, em julho teremos carnaval no Rio, em São Paulo e em Salvador.

A necessidade imperiosa de isolamento físico tornou virtual o Círio de Nazaré deste ano e transforma o cotidiano de todos aqueles cujo trabalho é dar vida ao carnaval. A pandemia paralisa barracões e causa desemprego, colocando o modelo em cheque

da palavra

Iniciando nos anos 1980, quando você se formou em psicologia, o que você nos diz do seu percurso em direção às narrativas de carnaval?

Eu queria estudar a arte popular do Carnaval e cheguei ao conceito de Carnavaização do Mundo, do filósofo russo Mikail Bakhtin, uma Voz da Praça Pública não oficial. Sufocado pela Voz Oficial, a voz hegemônica, fui estudá-la.

Cheguei aos conceitos de vozes da modernidade sólida e líquida, que me levaram ao estudo da hipermodernidade e da sociedade do espetáculo, que me trouxe a revolução microeletrônica, uma voz internética, uma Praça Pública, com vozes outras, aquilombadas. Isto me trouxe o estudo do Imaginário dessas vozes, e da Arte Fantástica, que quebra o paradigma das vozes autoritárias. Agora estudo o Tempo alegre, a Voz da festa.

Como fica o fogo-cruzado entre pandemia e samba?

Na teoria da Carnavaização, Bakhtin discorre sobre a existência de uma voz da Praça Pública, crítica, rebelde, indomável, cômica, debochada, grotesca - e, claro, nada admirada e em constante tensão e negociação com a Voz Oficial, representada pela voz do Estado e da Igreja.

Vou ligar para o além e contar para meu amado linguista que teorizou a importância da Voz do Povo que ele precisa acrescentar na teoria que as doenças iriam começar a, de forma mais frequente, interferir na liberdade do tempo alegre, daquela gente sem dinheiro, mas cheia de outras coisas que o dinheiro não compra, fazendo com que a Voz não falasse - não da forma uníssona como ele conheceu - durante todo um ano. Já éramos apertados na prisão de cinco dias que a Igreja nos dava, agora vem o vírus e nos tira todo o alto verão e seus saracoteios.

Não houve o tempo da inversão e da ambiguidade na Grande Peste, nem na Gripe Espanhola, nem no Covid-19. Que esta moda não pegue, não vire uma companhia sempre presente. Como viver sem o respiro do tempo de liberdade? Como recarregar as baterias sem a identidade cultural da cidade? Porque moramos na capital mundial da Escola de Samba, somos motivo de inspiração para que, em Londres, escolas de samba cantem enredo em inglês e em Tóquio a vida de Hiroito seja samba em japonês com inacreditáveis cobrinhas mocas nipônicas dançando desengonçadas em biquinis e tamancões que compram das assistas brasileiras.

A pandemia se soma a outros problemas dramáticos do Brasil. Você acredita que distanciamento pode rimar com solidariedade?

Vendemos nossa simpatia, capitalizamos nosso Chica Chica Bum. E depois de quatro anos na Idade das Trevas, quando a Nuvem Neopentecostal trouxe a antítese de nossa utopia tropicalista... Onde que a cidade de Leila Diniz barriguda de biquini na praia combina com e pode ser liderada por alguém que não ri? Nosso destino é mostrar os dentes. O carioca não nasce; sorri! E todo o projeto que tirou a verba das escolas, acabou com os ensaios técnicos e que iria salvar o Rio, não salvou e o condenou a nosso pior pesadelo: a tristeza, a solidão e a desesperança.

Enquanto isso, eles lá, exorcizando, gritando, apresentando o trágico espetáculo de ensinamentos contra a fraternidade: mulher não estuda, bichas não têm família estruturada, homem veste azul e mulher veste rosa. Quando achávamos que o fundo do poço era terrível, vem a pandemia para coroar o ocaso destes tristes tempos. Tempos em que a mulher casada, protegendo a visão de seu marido e filhos, joga uma garrafa na bonitona que ela acusa de ser puta. Mas o que vocês têm contra nós, as putas? Nos deixem e relaxem, vossos maridos vão segurar o rojão.

Voltando à vaca fria, ou melhor, ao veado quente, o produto que define culturalmente a vida do deslumbrante Rio não dará o ar de sua graça. Mas não dava para os organizadores deste Carnaval Oficial, que vende ingressos e precisa de banheiros, não dava para puxar essa responsabilidade de aglomeração para eles. Agora, cada um decide se irá ao bloco de sujo, ou não. Decisão de foro íntimo, responsabilidade individual. Os organizadores passaram a correta mensagem de respeito à ciência, consciência social, solidariedade aos 160 mil mortos e ESPERANÇA que agoniza, mas não morre. Nosso dilema agora é ajudar os trabalhadores da folia que estão à mingua.

É possível renascer ainda mais forte?

Sambar é o nosso ofício, a nossa vocação para a vida, agora, e para honrar a sabedoria da nossa Ancestralidade carioca galhofeira, corporificar em passos de beleza rítmica o que o batuque nos diz: é o tambor do samba que provoca nossos músculos e nos move para entregar suor de resistência cultural. Somos a população da Cidade Maravilhosa, comprometida em fazer visibilizar nossa importância, bagagem e sobrevivência.

Que todos nos valorizem e reconheçam que "Sou, Porque Somos!" Nós e vocês, que nos ouvem, juntos entendendo que aplaudir e preservar este esforço do Samba no pé nos faz melhor e nos conecta com um mundo mais bonito, de diversidades de vozes e expressões, que fundaram a grande terra brasilis.

Ciata, Donga, Pixinguinha, Cartola, CIRO DO AGOGÔ, Gargalhada, Paula do Salgueiro, Vitamina, Sinhô, Gigi, Albino, Pamplona, Adele, Sargentelli, Pinah, Chacrinha. Nos requebros e gingados, a mais perfeita tradução da alma verde e amarela. Somos o jogo de cintura, somos os se vira nos 30. E precisamos de vossos aplausos que nos tornam mais GINGADOS, pois exibidos, nascemos para ser.

Rufem tambores, sandália plataforma, sapato bicolor, Miudinho, tufão nos quadris Breque! Passos que passeiam pela passarela. RODA PANDEIRO, LATA D'ÁGUA NA CABEÇA, CABROCHA, MALANDRO HISTÓRICO E MODERNO. Toquem a sirene, abram os portões, com ou sem escola. De todas as cores, gêneros e TRAJETÓRIAS, somos o Samba Brasileiro, que aqui se apresenta.

Abre alas e pede passagem, porque Sambar é existir sambando, é o Dom que Olorum nos deu!

[i] Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) e do curso de Psicologia da Universidade da Amazônia (UNAMA). Doutora em Psicologia: Teoria e Pesquisa do Comportamento pela Universidade Federal do Pará (PPGTPC/UFGPA) e especialista em Terapia Cognitivo-Comportamental (CENSUPEG). Estágio pós-doutoral na Universidade Protestante de Ciências Aplicadas de Freiburg, na Alemanha. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7325-9097>
E-mail: rosangela.darwich@unama.br